

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Centrão e Faria Lima torcem por novo ciclo e aliança Tarula

Akira Auriani (PSB), prefeito da cidade de Rio Grande da Serra, que fica no ABC paulista a 55 quilômetros da capital, tem dito a correli-gionários que se entende melhor com o go-vernador Tarcísio de Freitas (Republicanos) do que com o candidato do PT ao Palácio dos Bandeirantes, Fernando Haddad. Seu partido, o PSB, não só deu o vice de Haddad – o ex-governador Márcio França – como até o vi-ce-presidente da República, Geraldo Alckmin. O prefeito de São Bernardo do Campo, Marcelo Lima (Podemos), tem se colocado como aliado de Lula e de Tarcísio ao mesmo tempo, num movimento que cresceu em São Paulo entre aliados do PT e do governador, especialmente aqueles mais ligados aos par-tidos do centrão. Esse grupo já se autointitula “Tarula”. De-fende que a eleição em São Paulo e no país mal começou, mas já está na hora de acabar. A avaliação dos Tarulas é que Haddad já não tem mais chances de vencer Tarcísio, e que, no plano nacional, Flávio Bolsonaro bateu no teto nas pesquisas de intenção de voto. Quanto mais cedo, melhor seria para dimi-nuir gastos de campanha e para começar a reorganizar o país. Tarcísio voltaria a cuidar do estado e Haddad voltaria ao comando do Ministério da Fazenda. Em Brasília, ele inicia-ria o ajuste fiscal que a chamada Faria Lima tanto espera do próximo governo.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e Escritor

Golpistas atacaram a paz

Candidato do PSD à Presidência, Ronaldo Caiado inverte valores ao dizer que a anistia aos condenados por tentativa de golpe de Esta-do e de abolição do Estado Democrático de Di-reito representaria a “pacificação” do país: eles, os golpistas, é que atentaram contra a paz, pro-curaram fazer com que brasileiros declarassem guerra contra brasileiros. Líder da articulação, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) tentou sublevar as Forças Ar-madas, contou com a cumplicidade de alguns importantes subordinados, militares e civis. To-dos promoveram e estimularam conflitos que poderiam levar a uma guerra civil e a um der-ramamento de sangue. Não há ditadura pacífica. Caso vitorioso, o golpe implantaria um regime de exceção que incluiria perseguições, prisões ilegais, assas-sinatos e tortura. Os homicídios começariam antes da vitória golpista, teriam como vítimas autoridades da República como o presidente e o vice-presidente. Para justificar a libertação dos que tenta-ram provocar a guerra civil, Caiado diz que o presidente Lula (PT) foi “anistiado” pelo STF. Ele sabe que não foi isso: a corte, de maneira tardia, reconheceu a ilegalidade dos processos conduzidos na Justiça Federal de Curitiba, mais focados no processo eleitoral do que no comba-te à corrupção. Anistias são geralmente concedidas após di-

Foi decepcionante para a chamada Faria Lima o desempenho de Daniela Marques, assessora econômica de Flávio Bolsonaro no programa “C-Level Entrevista”, da Folha de São Paulo, que foi ao ar nesta quarta-feira, 26. Chamada a apresentar o plano econômi-co do seu candidato, ela insistiu que caberia ao Congresso definir seus termos e, quando insistiram em pedir detalhes, chegou a dizer: “não tenho bola de cristal.” A Faria Lima não morre de amores pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mas tem um entendimento razoável com Haddad. E, nesta quarta-feira, para azar dos bolsonaristas, Lula ainda promoveu uma reunião com os presidentes do Sena-do, Davi Alcolumbre (União-AP), e da Câma-ra, Hugo Motta (Republicanos-Paraíba), em que anunciaram acordo para a pauta de vo-tações do esforço concentrado do Congresso antes das eleições. A demonstração de harmonia e entendi-mento entre Lula e os comandantes do Con-gresso serviu como uma espécie de calmante na veia do mercado, que tanto clama por pre-visibilidade e entendimento entre os poderes. Não que o governo do PT, na visão dos em-presários, seja um primor de entendimento com o Congresso. Mas os bolsonaristas, du-rante a campanha eleitoral, deram seguidas demonstrações de falta de tato político, tanto em relação ao Congresso, como em relação ao Judiciário e até entre eles mesmos. A torcida do centrão é que Alcolumbre e Hugo Motta votem tudo o que se propuseram para o recesso e comandem um novo pacto entre o Congresso, o governo e o Judiciário para colocar um ponto final nas eleições. E o país possa começar uma nova fase. taduras, servem — aí sim — para pacificar paí-ses feridos pelo arbítrio de regimes de exceção. Foi o que ocorreu no Brasil em 1979, uma anistia necessária, ainda que desfigurada pela concessão de impunidade a torturadores, algo que incentivou futuras pregações golpistas. Não pode haver anistia para os que se aprobei-tam da democracia para derrubá-la. Caiado costuma citar a anistia concedida pelo presidente Juscelino Kubitschek aos mili-tares que, em 1956, atentaram contra sua posse na rebelião de Jacareacanga (PA). Chega a iro-nizar os jornalistas que lembram da atuação de alguns desses anistiados no Golpe de 1964. Ontem, em entrevista à rádio CBN, disse que uma simples consulta ao Chat GPT bastaria para não houve tais conexões. Fiz isso, e a res-posta, óbvia e chancelada por diversas fontes, contraria o ex-governador de Goiás. Mais: militares anistiados, como o major-a-viador Haroldo Coimbra Veloso, participaram de outra revolta, a de Aragarças, em 1959. Ele voltaria a ser beneficiado em 1961, quando outra anistia foi aprovada pelo Congresso. Em 1964, Veloso atuou ao lado dos golpistas. Um de seus cúmplices em 1959 e 1964 foi o brigadeiro João Paulo Moreira Burnier, o mesmo que, em 1968, tentou executar um plano terroris-ta que incluía atentados e assassinatos em massa. Foi na Base Aérea do Galeão, ligada ao co-mando de Burnier, que, em 1971, o ex-deputa-do Rubens Paiva sofreria a primeira sessão de torturas. Lá também seria supliciado e morto Stuart Angel Jones: o estudante teve a boca amarrada no cano de descarga de um jipe e foi arrastado pelo pátio da base.

EDITORIAL

O perigo silencioso do tabagismo entre jovens

Há um alerta que não pode ser ignorado quando uma pesquisa, recente, revela que o tabagismo encontrou terreno fértil entre os mais jovens. O dado de que 19% dos brasileiros de 16 a 24 anos entrevistados se declaram fumantes, acima da média nacional de 17%, deveria pro-vo-car mais do que preocupação. Deveria provocar uma reação. O cigarro, durante décadas, foi associado a doenças gra-ves, dependência e morte. Campanhas públicas reduziram o consumo, mas o problema está longe de ser resolvido. O que preocupa agora é perceber que a iniciação continua acontecendo justamente em uma fase marcada pela for-mação de escolhas. Segundo o levantamento, o primeiro contato com o cigarro ocorre, em média, aos 16 anos. É cedo demais para que uma dependência seja tratada como uma simples escolha individual. O alerta ganha dimensão ainda maior diante dos ci-garros eletrônicos. A aparência moderna, os sabores e a facilidade de circulação podem criar a falsa sensação de que se trata de algo menos perigoso. A nicotina, porém, continua capaz de provocar dependência. Seja no cigar-ro convencional ou no eletrônico, o risco é transformar a juventude em porta de entrada para um hábito que pode acompanhar o indivíduo por muitos anos. Também merece atenção o impacto sobre quem não fuma. Um terço da população brasileira compartilha fre-quentemente ambientes domésticos ou de trabalho com fumantes. A exposição passiva à fumaça pode elevar o risco de câncer de pulmão, inclusive entre pessoas que nunca fumaram. O cigarro, portanto, não é apenas uma questão individual. Seus efeitos alcançam famílias, cole-gas e toda a sociedade. O dado mais preocupante talvez seja a normalização do problema. Parte dos fumantes considera sua própria saúde boa ou ótima, percepção que pode dificultar o re-conhecimento dos riscos e adiar a decisão de abandonar o cigarro. A ausência de sintomas imediatos não significa ausência de danos. Muitas consequências do tabagismo se acumulam silenciosamente durante anos. É preciso fortalecer a prevenção entre adolescentes, ampliar a informação sobre os riscos dos cigarros ele-trônicos, combater a banalização do consumo e oferecer apoio a quem deseja parar. Famílias, escolas, autoridades e profissionais de saúde têm responsabilidades diferentes, mas complementares. Prevenção deve começar muito an-tes da primeira tragada, e não depois do dano. Quando um jovem começa a fumar, não estamos diante apenas de um hábito. Estamos diante da possibilidade de uma dependência que poderá acompanhá-lo por décadas. O avanço do tabagismo entre os mais novos deve servir como sinal de alerta. Ignorá-lo hoje significa correr o risco de pagar, amanhã, uma conta muito maior em doenças, sofrimento e vidas perdidas.

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal